



“DEVOÇÃO PREGADA PELO SERVO SÃO DOMINGOS E SEUS FRADES”: FREI NICOLAU DIAS E O DISCURSO ACERCA DO ROSÁRIO MARIANO

Doi: 10.4025/8cih.pphuem. 4162

André Rocha Cordeiro, UEM

Resumo

O presente trabalho está vinculado as pesquisas realizadas em nível de doutoramento junto ao Programa de Pós-Graduação em História (PPH-UEM) e ao Laboratório de Estudos em Religiões e Religiosidades (LERR/UEM). Tem-se por objetivo principal realizar os primeiros apontamentos acerca dos instrumentos utilizados pelo frade dominicano Nicolau Dias na perspectiva de defender a devoção mariana do Rosário difundida pelos Frades Pregadores. Lusitano e membro da Ordem de São Domingos, mais detidamente da Província Portuguesa, Frei Nicolau Dias publicou no ano de 1573, em Lisboa, o *Livro do Rosário de Nossa Senhora* no qual busca transmitir, nos quatro livros que compõem a obra em questão, as diretrizes acerca da devoção do Rosário ao leitor. Tal obra de cunho religioso ganhou várias edições ao longo de dez anos e se constituiu enquanto um clássico da literatura portuguesa (BERTRAND, 1991; 1994). Para tanto o referido frade dominicano fez uso de uma literatura religiosa formulada por dominicanos, vislumbrando defender um posicionamento e um discurso emanado pela Ordem dos Pregadores. Para tal análise faremos uso das discussões de Eni Orlandi (2003) acerca da análise do discurso, bem como da abordagem conceitual de Pierre Bourdieu (1998), no que concerne pensar o discurso autorizado emanado pelo Fr. Nicolau Dias na obra *Livro do Rosário de Nossa Senhora* (1573).

Palavras Chave:

Fr. Nicolau Dias; Ordem dos Pregadores; Rosário; século XVI; Portugal.

Introdução

O texto que aqui apresentamos tem por objetivo principal realizar os primeiros apontamentos acerca dos instrumentos utilizados pelo frade dominicano Nicolau Dias na perspectiva de defender a devoção mariana do Rosário, difundida pelos Frades Pregadores, em Portugal, nas últimas décadas do século XVI. Membro da Ordem de São Domingos, mais detidamente da Província Portuguesa, e lusitano de origem, Frei Nicolau Dias publicou o *Livro do Rosário de Nossa Senhora*, no ano de 1573, em Lisboa. Na referida obra, o dominicano busca transmitir, nos quatro livros que compõem a obra em questão, as diretrizes acerca da devoção do Rosário ao leitor, denominado pelo mesmo enquanto devoto leitor.

Inserido no contexto da Reforma Católica empreendida pela instituição a qual pertencia, Fr. Nicolau Dias fez de seu discurso uma expressão do movimento reformista, uma vez que está tinha enquanto um de suas bases a promoção de devoções (DANIEL-HOPS, 1999). Além do mais, no século XVI a Igreja Católica enfrenta uma das maiores contestações de sua história: a Reforma Protestante. A necessidade de se reafirmar enquanto instituição religiosa se faz eminente diante deste cenário, na qual começava a se estabelecer o desenvolver e consolidar o protestantismo (MULLET, 1985; DELUMEAU, 1989). Numa Europa marcada por guerras, pestes e crises, na qual muitos de seus habitantes sentiam-se angustiados e espiritualmente desorientados (DELUMEAU, 1989, p. 60), uma nova proposta de salvação, conforme a apresentada pelos protestantes, mostrou-se perigosa para a hierarquia católica.

A Igreja Católica então decide convocar um Concílio Eclesiástico na cidade de Trento, no norte italiano. Segundo Mullet (1985) o Concílio de Trento ocorreu entre os anos de 1545 e

1564, e foi a maior expressão da Reforma Católica, uma vez que por meio dele documentos doutrinários e teológicos foram escritos e atitudes tomadas frente ao protestantismo, dentre elas: a instituição de seminários para formação de padres; o sacerdócio emergiu como uma profissão; a Inquisição foi reanimada; foi criada e oficializada a Ordem de Santo Inácio de Loyola (MULLET, 1985, p. 16).

Ademais, a Virgem Maria tornou-se estandarte e modelo identitário do catolicismo reformista. Do mesmo modo que alguns de seus antepassados, o dominicano utilizou-se do culto a virgem Maria como forma de se diferenciar os católicos dos protestantes. Segundo Solange Andrade “por possuir uma simbologia extremamente rica, o nome da Virgem Maria aparece relacionado a várias situações e aspectos que dependem das representações que os grupos apropriam” (2012, p. 242). Para Leonara Lacerda Delfino o discurso da Igreja Católica do período quinhentista promoveu devoções mariana, especialmente a do Rosário.

Durante o pontificado de Pio V (1566-1572) consolidou-se definitivamente o projeto missionário de expansão cristã, através do estandarte do Rosário. Após expulsar os turco-otomanos da região dos Bálcãs em 1571, o papa exortou todos os cristãos para o combate contra as heresias e as crenças não cristãs. Oficializou a festa de Nossa Senhora do Rosário e estreitou, através desta política missionária, o símbolo mariano ao ideal de universalização da Igreja católica (DELFINO, 2013, p. 118).

Dessa forma, compreendemos que ao escrever uma obra acerca da devoção mariana do Rosário, Frei Nicolau Dias, apoia-se nas diretrizes propagadas pela Reforma Católica. Entretanto pensar sua produção apenas por tal viés seria restringir uma compreensão mais ampla dos recursos e

dos usos feitos pelo referido frade em seu discurso. Assim, compreendemos que se faz necessário compreender as relações discursivas que Dias (1573) faz com outras produções dominicanas, uma vez que constantemente em seus discursos em defesa do Rosário da Virgem Maria, estandarte da fé cristã católica, rememora e faz uso de obra de confrades da Ordem dos Pregadores.

Fr. Nicolau Dias e a defesa do Rosário da Ordem dos Pregadores

Fr. Nicolau Dias (152? -1596), foi um frade dominicano, mestre em teologia e sacerdote pregador da Ordem. Formou-se em Estudo Geral, no Convento de Lisboa e, em 02 de junho de 1541, professou os votos da Ordem dos Pregadores. No ano de 1571 se tornou padre-mestre em Teologia, grau que possivelmente, conduziu-o à docência para jovens dominicanos em formação. (ROLO, 1982; MARQUES, 2010).

Além disso, no período da crise de sucessão do trono português – após a morte de D. Cardeal Henrique de Portugal-, que acarretou na União Ibérica (1580-1640), denominada por João Marques como “de má memória para o patriotismo luso” (2010, p. 208), Fr. Nicolau Dias tomou partido do prior do Crato, D. António (1531-1595). Tal decisão levou-o a ser exilado em Salamanca, na Espanha, por D. Sancho D’Avila (1523-1583), duque de Alba, juntamente com outros frades dominicanos, como: Fr. Heitor Pinto, Fr. Estevão, Fr. António de Sena e Fr. João da Cruz. Após alguns anos exilado Dias e os demais dominicanos portugueses retornaram para Portugal após o perdão geral concedido por Filipe II (1556-1598). Em terras lusitanas Fr. Nicolau Dias retornou ao Convento de São Domingos de Lisboa, onde faleceu no dia 06 de fevereiro de 1596. (ROLO, 1982; MARGERIE, 1995; MARQUES, 2010).

Reconhecido pela historiografia portuguesa e brasileira como produtor de

obras religiosas, especialmente de algumas consideradas clássicas da literatura lusitana (MARGERIE, 1991), Fr. Nicolau Dias é autor das seguintes obras de cunho religioso: Livro do Rosário de Nossa Senhora (1573), Tratado da Paixão de Cristo Nosso Senhor Jesus (1580), Vida da Sereníssima Princesa Dona Joana (1585), de Tratado sobre o Juízo Final, as Excelências de S. João Baptista e Peregrinação à Terra Santa. (ROLO, 1982, p. 1).

No Livro do Rosário de Nossa Senhora (1573), identificamos que foi produzido após o encontro que Dias teve com o Papa Pio V (1566-1572), o “papa do rosário”. Após tal encontro, que ocorrera devido à realização do Capítulo Geral da Ordem dos Pregadores, em Roma, no ano de 1573, acredita-se que Dias, por influência do pontífice escreveu o Livro do Rosário de Nossa Senhora, no ano de 1573 (ROLO, 1982, p. 1).

No século XVI, contexto de produção da obra, a Igreja Católica enfrentava uma das suas maiores crises e teve sua hegemonia abalada com o nascimento e estabelecimento das novas denominações religiosas cristãs (DELUMEAU, 1967). Na perspectiva de se manter enquanto uma instituição de poder e capital simbólico religioso, bem como para impedir novas empresas de bens de salvação que disputavam espaço no campo religioso europeu, a Igreja Católica empreendeu ações de reforma. (BOURDIEU, 2007).

A Reforma Católica configurou-se enquanto contexto basilar de produção da obra, pois que apresenta característica do movimento de renovação espiritual em sua narrativa. Respaldados em Castellote (1997, p. 75), compreendemos que as ações da Igreja Católica, no século XVI, não se restringiram enquanto uma reação à eclosão das ideias de Lutero e dos demais reformadores europeus. Compreendemos que a instituição católica, desde o século XV, apresentava sinais da necessidade de uma reforma, por meio dos movimentos de renovação

espiritual e devocional, que foram encabeçadas por bispos e religiosos nos mais diversos espaços geográficos da Europa (DANIEL-ROPS, 1999).

A Reforma Católica tinha por objetivo corresponder às exigências que vinham sendo formuladas pelos fieis havia bastante tempo e tentava oferecer respostas de mentes que pensaram tais problemáticas, respaldando-se, assim, em princípios da tradição da Igreja (DANIEL-ROPS, 1999). O movimento se pretendeu enquanto resposta às angústias dos homens que vivenciaram catástrofes como guerras, fomes e mortes por peste, fenômenos que eram interpretados como sinais dos pecados e punição aos erros (DELUMEAU, 1967). A sociedade interpretava esses fenômenos como consequências do pecado humano, o que nos auxilia a compreender as motivações que, possivelmente, levaram tantos a procurarem as confissões e demais sacramentos, e os bens de salvação, espirituais e materiais, mais diversos.

Durante esse movimento de renovação espiritual empreendido pela Igreja Católica, Confrarias foram renovadas e antigas devoções foram retomadas, entre elas, a devoção à Virgem Maria e ao seu Rosário. Estas duas últimas tornaram-se, no século XVI, estandarte da Igreja e instrumento da proposta de universalização católica. (DELFINO, 2013). Segundo Juliana Beatriz de Almeida Souza (2002, p. 127), no período quinhentista o Rosário da Virgem Maria tornou-se símbolo da identidade católica uma vez que, diante dos discursos das crenças protestantes que emergiam, a figura da mãe de Jesus transformou-se proeminente no discurso católico e signo combativo as crenças heréticas.

No caso português, a Reforma Católica teve como um de seus líderes, D. Fr. Bartolomeu dos Mártires (1514-1528), bispo de Braga e membro da Ordem dos Pregadores. Mártires promoveu a renovação espiritual na Diocese de Braga,

difundiu as ideias reformistas e estimulou teólogos a produzirem obras de abordagem doutrinária e devocional, tais como: a tradução da *Summa Caietana*, de Tomás de Vio, e a elaboração de um *Flos Sanctorum*, realizadas pelo Fr. Diogo do Rosário (?-1580) (FERNANDES, 2000; POLÓNIA, 2010). Destacamos, aqui, a produção de livros religiosos na segunda metade do século XVI, inspirados pelo espírito da Reforma Católica, enquanto instrumentos de orientação da vida religiosa, especialmente os produzidos pelos frades dominicanos.

Diante de tais constatações, pautamos nossas reflexões a partir dos aportes teóricos de Certeau (2006), Agamben (2011) e Bourdieu (1998). Tais autores contribuem para pensarmos a narrativa de Fr. Nicolau Dias (1573) enquanto revestida de um capital simbólico, portadora de uma sacralidade enunciada. Uma narrativa autorizada pela comunidade da Ordem dos Pregadores, na qual Dias fala enquanto um sujeito que pretende “fazer crer”, por meio de elementos de significância para essa mesmo grupo, e que são legítimos e dignos de verdade. Tais reflexões, corroboram para a abordagem a ser realizar acerca da defesa que Fr. Nicolau Dias (1573) faz do Rosário da Ordem dos Pregadores, relegando outros rosários existem no período histórico de produção do Livro do Rosário de Nossa Senhora.

Ademais, a narrativa dominicana construída por Frei Nicolau Dias, O.P., na difusão e devoção do Rosário da Virgem Maria da Ordem dos Pregadores, no século XVI, se expressa, ao nosso ver, enquanto um discurso de defesa do Rosário dominicano. Com objetivo de difundir a devoção tradicionalmente vinculada ao fundador da Ordem a qual pertence, Frei Nicolau Dias ignorou e silenciou a existência do culto já realizado pelas demais ordens religiosas. Na segunda metade do século XVI, que já eram conhecidos o Rosário de Nossa Senhora da Consolação, da Ordem dos Agostinianos; a Coroa Franciscana, da

Ordem dos Frades Menores e; o Rosário da Ordem dos Cartuxos, defendido pelos frades: Fr. Gaspar Gorricio, Fr. Santiago de Gruitroedes, Fr. Henrique Kalkar e Fr. Domingos da Prússia. (CORDEIRO, 2017, p. 158).

No discurso de Fr. Nicolau Dias predominam referências aos autores e frades dominicanos que contribuíram para a devoção do Rosário, como Fr. Alano da Rocha, Fr. Alberto de Castelo e Fr. Jerónimo de Taix, enquanto os frades de outras Ordens, também promotores do Rosário Mariano, não são citados. (CORDEIRO, 2017). Dentre as obras dos frades utilizados por Frei Nicolau Dias, conjecturamos que sejam as seguintes: *De Psalterio seu Rosario Christi et Mariae tractatus*, de autoria do Fr. Alano da Rocha, e *Llibre dels Miracles de Nostra Senyora del Roser y del modo de dir lo Rosari de aquella*, de Fr. Jeronimo de Taix. Cabe destacar que até o presente momento não conseguimos encontrar a possível obra de Fr. Alberto de Castelo utilizada por Fr. Nicolau Dias enquanto referencial para o *Livro do Rosário de Nossa Senhora* (1573).

O *Livro do Rosário de Nossa Senhora*, nossa fonte de pesquisa, é composta por quatro livros e tem enquanto objetivo principal a pretensão de conduzir o leitor a adesão da devoção do rosário, conforme os preceitos da Igreja Católica, especialmente àqueles difundidos pela Reforma Católica. Podemos observar, na mencionada obra, que Fr. Nicolau Dias demonstrou estar em sintonia com as renovações espirituais propagadas pela instituição católica no século XVI, ou, como aponta Raúl de Almeida Rolo (1982), partilhava do “espírito renovado da reforma católica”. Entretanto, compreendemos que Dias (1573), antes de ser um defensor dos ideais reformistas da Igreja Católica, se expressou enquanto um defensor dos princípios e das crenças dominicanas. Ao analisarmos o *Livro do Rosário de Nossa Senhora* (1573), foi possível identificar que Fr. Nicolau Dias busca pela legitimação e formalização da devoção do

Rosário da Ordem dos Pregadores, relegando, de certo modo, outras devoções do Rosário, como: o Rosário dos Cartuxos, dos Franciscanos e dos Agostinianos (CORDEIRO, 2017).

Fr. Nicolau Dias não menciona outras obras religiosas dedicadas à temática do Rosário existentes na época e que pertenciam a outras Ordens religiosas, tais como: *Contemplaciones sobre el Rosario de Nuestra Señora*, historiadas con forma de institución del Salterio, do italiano Dom Fr. Gaspar Gorricio, de Novara; *Rosarium Jesu et Mariae*, do belga, Fr. Santiago de Gruitroedes, ou ainda *Castigos e enxempros de Cato*, de autoria do pseudo Dionysius Cato (CORDEIRO, 2017).

Por fim, podemos observar, também, que a maioria das personagens apresentadas nas hagiografias, bem como os espaços das manifestações do sagrado descritos em seu livro, são dominicanos ou estão relacionados com a Ordem. A partir de tais sondagens é que nossa hipótese é construída, ou seja, Fr. Nicolau Dias se fez um defensor do Rosário da Ordem a qual pertencia e em consonância com membros desta mesma instituição religiosa, tais como: Fr. Alano de Rupe e Fr. Jeronimo de Taix.

Consideração Finais ou Iniciais?

Partindo do pressuposto que Fr. Nicolau Dias compartilhou de estruturas mentais existentes em seu período histórico, a partir de seu “lugar social” (CERTEAU, 1982), nossa proposta se pauta em analisar e compreender de que modo esta defesa do Rosário da Ordem dos Pregadores é construída no *Livro do Rosário de Nossa Senhora* (1573). Também, pretendemos averiguar como a narrativa de Fr. Nicolau Dias se relacionava com uma possível “rede” de dominicanos que buscavam legitimar o Rosário da Virgem Maria enquanto um bem simbólico da Ordem de São Domingos, especialmente uma rede formada com os Fr. Alano de Rupe e

Jerónimo de Taix.

Referências

ANDRADE, Solange Ramos de. Devoções e santuários Marianos na História do Paraná. **Revista Angelus Novus**, nº 3, p. 239 – 260, maio de 2012.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas linguísticas**: o que falar quer dizer. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

CASTELLOTE, Salvador. **Reformas y Contrarreformas en la Europa del siglo XVI**. Madrid: Ediciones Akal, 1997.

CEPEDA, Isabel Vilares. Abertura. In: DIAS, Nicolau. **Livro do Rosário de Nossa Senhora**. Lisboa: Biblioteca Nacional, [1573], Ed. 1982.

CERTEAU, Michel de. **La debilid de creer**. Buenos Aires: Katz, 2006.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. RJ: Forense Universitária, 1982.

CORDEIRO, André Rocha. **Mater, Virgo et Regina**: Frei Nicolau Dias e o Rosário da Virgem Maria (Portugal-1573). 2017, 180 f.. Dissertação (Mestrado em História) - Pós-Graduação em História, Universidade Estadual de Maringá, Maringá – PR, 2017.

DANIEL-HOPS, Henri. **A Igreja da Renascença e da Reforma**. São Paulo: Quadrante, 1999.

DELFINO, Leonara L.. **O Rosário dos Irmãos Escravos e Libertos**: Fronteiras, Identidades e Representações do Viver e Morrer na Diáspora Atlântica. Freguesia do Pilar de São João del-Rei (1782-1850). 2015. 526 f.. Tese (Doutorado em História) – Pós-Graduação em História, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora – MG. 2015.

DELFINO, Leonara L.. Senhora das Conquista e das Missões: Origens da Devoção da Virgem do Rosário como Santa Mãe Protetora dos Pretos no Ultramar. **Revista Ars Histórica**, nº 6, p. 107-127,

ago./dez. 2013.

DELUMEAU, Jean. **La reforma**. Barcelona: Editorial Labor, 1967.

LABARGA, Fermín. Historia del culto y devoción en torno al santo rosario. **Scripta Theologica**: revista de la Facultad de Teología de la Universidad de Navarra, Navarra, nº. 35, p. 153-176, 2003.

LE GOFF, Jacques.

Documento/Monumento. In: **História e memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1994.

MARGERIE, Bertrand de. Frei Nicolau Dias O.P., (1520 -1596), Teólogo e Apóstolo do Rosário. **Revista de Espiritualidade**, Lisboa, nº. 8, p. 305-320, 1994.

MARGERIE, Bertrand de. Les grans auteurs religieux dans la littérature classique du Portugal. **Revista DIDASKALIA**, 2, vol. XXI, p. p.212-520, 1991.

MARGERIE, Bertrand de. Les grans auteurs religieux dans la littérature classique du Portugal. **Revista DIDASKALIA**, 2, vol. XXI, p. p.212-520, 1991.

MARQUES, A. H. de O.. As grandes tendências da cultura. In: SERRÃO, Joel; MARQUES, A. H. de O. (dir.). **Nova História de Portugal: Portugal do Renascimento à Crise Dinástica (Volume V)**. Lisboa: Presença, 1998.

MARQUES, João Francisco. Devoção à Paixão de Cristo. In: AZEVEDO, Carlos Moreira. **Dicionário de História Religiosa de Portugal** (vol. 2). Lisboa: Circulo dos Leitores, 2010. p. 570-577.

MARQUES, João Francisco. Dominicanos na crise política de 1580. In: GOMES, Ana Cristina da Costa; FRANCO, José Eduardo (coord.). **Dominicanos em Portugal**: história, cultura e arte. Lisboa: Alêtheia Editores, 2010.

Fonte Impressa

DIAS, Nicolau. **Livro do Rosário de Nossa Senhora**. Lisboa: Biblioteca Nacional, [1573], Ed. 1982.